

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 10 – Informação e Memória

APREENDENDO COM AS PAREDES: GRAFFITI, DECOLONIALIDADE E MEMÓRIA

LEARNING FROM THE WALLS: GRAFFITI, DECOLONIALITY AND MEMORY

Fábio Rogério Batista Lima – Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

Lucilene Aparecida Francisco – Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR); Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Mauro Candido dos Santos – Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

Vanessa Henriques Veloso – Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

Liane Cordeiro da Silva – Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Este trabalho apresenta uma pesquisa-ação vinculada a um projeto de extensão universitária com estudantes da graduação em Pedagogia da UNESPAR, que investigaram o *graffiti* como prática informacional, cultural e de resistência simbólica. A partir de uma abordagem decolonial articulada à Ciência da Informação, a proposta integrou arte, tecnologia, aprendizagem e colaboração. O resultado foi a criação de um painel coletivo que representa a trajetória educacional durante a pandemia da Covid-19, fortalecendo o pertencimento comunitário e ressignificando o espaço público como lugar de memória e identidade. O *graffiti* revelou-se, assim, um instrumento de empoderamento social e transformação simbólica dos espaços urbanos.

Palavras-chave: *graffiti*; memória; patrimônio cultural; decolonialidade.

Abstract: This work presents an action research project linked to a university extension initiative involving undergraduate Pedagogy students from UNESPAR, which explored graffiti as an informational, cultural, and symbolic resistance practice. Grounded in a decolonial approach and articulated with the principles of Information Science, the project integrated art, technology, learning, and collaboration. The outcome was the creation of a collective mural representing the educational journey during the Covid-19 pandemic, strengthening the community's sense of belonging and re-signifying public space as a place of memory and identity. Thus, graffiti emerged as a powerful tool for social empowerment and symbolic transformation of urban spaces.

Keywords: *graffiti*; memory; cultural heritage; decoloniality

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as manifestações de arte urbana têm ganhado visibilidade como formas legítimas de expressão cultural, política e social nos espaços públicos (Lima, 2023). Entre elas, o *graffiti* destaca-se por sua potência comunicativa e simbólica, sendo capaz de

transmitir mensagens visuais que rompem com padrões estéticos convencionais, tensionam estruturas de poder estabelecidas e instauram diálogos críticos com a sociedade. Ao ocupar os muros das cidades, essa prática não apenas embeleza os ambientes urbanos, mas também atua como meio de resistência e afirmação identitária, sobretudo em contextos marcados por desigualdades históricas, como no Brasil. Nessa perspectiva, o *graffiti* assume uma função estratégica ao revalorizar memórias invisibilizadas e saberes marginalizados, contribuindo para a construção de sentidos coletivos e para a preservação de patrimônios culturais locais (Amorim; Padilha; Lopes, 2022; Lima, 2023).

Quando analisado sob o viés da Ciência da Informação, o *graffiti* revela-se um dispositivo alternativo de representação, produção, organização, mediação e disseminação da informação, rompendo com os canais institucionais tradicionais de circulação do conhecimento e das artes (Lima; Zafalon; Santos, 2022). Trata-se de uma linguagem visual e performativa que comunica saberes não formalizados, oriundos de experiências coletivas e territoriais, desafiando os velhos paradigmas eurocêntricos de validação do saber no campo das artes - arte clássica. Afinal, o que é considerado arte atualmente? Pixação é arte? E o *graffiti*? O *graffiti* é patrimônio cultural material ou imaterial? São reflexões necessárias e fundamentais quando se pretende entender um pouco mais sobre essa forma de manifestação artística e efêmera. Nesse sentido, partimos da problemática de como a arte urbana – *Grffiti*, pode ser utilizada como uma ferramenta de ensino-aprendizagem dentro e fora do espaço universitário?

Ao transformar os espaços públicos em arquivos vivos da memória social, o *graffiti* preserva identidades, histórias locais e expressões culturais frequentemente ausentes nos registros oficiais. Diante disso, este artigo propõe uma reflexão sobre o *graffiti* como prática informacional, cultural e de resistência simbólica, fundamentada em uma abordagem decolonial articulada aos princípios da Ciência da Informação, destacando sua relevância na ressignificação dos territórios e na valorização da diversidade.

Como metodologia, adotamos a pesquisa-ação, baseada nas atividades desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão intitulado “Apreendendo com as paredes”. A coleta de dados ocorreu por meio de técnicas como observação participante, registros fotográficos e rodas de conversa, aplicadas a um grupo de 27 acadêmicos do quarto ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) Campus Paranaguá, no ano de 2024, mas envolverá futuramente o público externo. A proposta foi realizada no contexto da

disciplina Metodologia do Ensino de Artes, com o objetivo de integrar arte, tecnologia, aprendizagem e colaboração, valendo-se de uma abordagem participativa, dialógica e crítica.

A pesquisa-ação é uma abordagem metodológica que integra investigação e transformação da realidade por meio da participação ativa dos sujeitos envolvidos. Segundo Thiollent (2008), trata-se de uma pesquisa social que se desenvolve em colaboração com os participantes para resolver problemas concretos, destaca-se pelo seu caráter formativo e dialógico, baseado na reflexão coletiva e na construção compartilhada do conhecimento. Tripp (2005) enfatiza a dimensão crítica e transformadora dessa metodologia, especialmente em contextos educacionais. Na escola, ela abre caminhos para questionar e transformar. Tudo a ver com a perspectiva decolonial que inspira nosso trabalho, pois valoriza saberes que costumam ficar à margem. Na UNESPAR-Paranaguá vivenciamos isso na prática. Oficinas, conversas e o painel de *graffiti* criado coletivamente guardam as memórias e emoções da turma durante a pandemia. Observações, fotos, vídeos e relatos registram cada passo desse percurso de aprendizagem partilhada.

Escolhemos a pesquisa-ação como metodologia porque ela nos permite pesquisar com as pessoas, não sobre elas. No projeto “Apreendendo com as paredes”, essa decisão faz todo sentido: queremos entender criticamente a arte urbana e, ao mesmo tempo, criar juntos novas formas de ver e viver nossos espaços.

Em vez de observar de longe, mergulhamos no processo – pincel na mão, ideias compartilhadas e cores nas paredes. Acima de tudo, a pesquisa-ação permite que cada participante se reconheça autor da própria história. Ao dar voz e cor às experiências vividas, transformamos a sala em lugar de memória, afeto e resistência. É assim que a metodologia se torna ponte entre informação, arte e comunidade – um modo de aprender e ensinar que escuta, acolhe e cria junto.

A pesquisa se desenvolveu em três etapas. Na etapa inicial, foi promovida uma oficina conduzida pelo artista *Graffiti Writer* Fábio Robal, que possibilitou aos estudantes refletirem sobre a trajetória da arte urbana, explorando seus principais movimentos, manifestações, artistas representativos, elementos constitutivos e estilos característicos. Na ocasião, foi ressaltado o caráter social dessas produções e sua legitimação no campo das artes visuais, ampliando o repertório estético e conceitual dos participantes com base em obras de referência.

Em um segundo momento, os estudantes tiveram contato direto com o universo do *graffiti*, experimentando diferentes materiais e compreendendo as peculiaridades dos suportes utilizados, como murais e painéis. Essa vivência prática favoreceu a investigação dos aspectos técnicos, expressivos e criativos inerentes à linguagem urbana.

Na etapa final, por meio de um processo colaborativo, o artista e os estudantes idealizaram e executaram um painel artístico na sala 21 da UNESPAR campus Paranaguá.

2 DECOLONIALIDADE E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA CULTURAL

A decolonialidade, enquanto proposta crítica e epistêmica, emerge como um movimento de contestação e superação dos legados coloniais que estruturam as práticas de produção e circulação do conhecimento. De acordo com Amorim e Alves (2022, p. 2) “A colonialidade obstrui e silencia o conhecimento, sua complexidade e diversidade”. No âmbito da Ciência da Informação, essa perspectiva tem impulsionado reflexões sobre o epistemicídio, conceito fundamental para compreender os processos históricos de aniquilação de saberes não ocidentais e sua relação com as práticas de resistência cultural.

O termo epistemicídio, popularizado por Boaventura de Sousa Santos (2004), refere-se à destruição sistemática de conhecimentos e modos de existência de povos colonizados, resultante da imposição de uma racionalidade eurocêntrica que se pretende universal. Para Carneiro (2005, p. 97), “o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural [...] pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta”.

Na Ciência da Informação, conforme analisam Amorim e Alves (2022), esse processo manifesta-se na marginalização de epistemologias oriundas de comunidades periféricas, que raramente são incorporadas aos sistemas formais de organização do conhecimento. Assim, as práticas informacionais, ao priorizarem metodologias baseadas no cânone ocidental, acabam por reforçar o epistemicídio, operando como instrumentos de silenciamento e invisibilização cultural.

Essa crítica é aprofundada por Bamberg *et al.* (2022), que, ao examinarem a produção científica nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), identificam um crescimento das discussões sobre epistemologias descoloniais como resistência ao epistemicídio e ao colonialismo epistêmico. Para esses autores, a ascensão

dessas pautas no campo da Ciência da Informação brasileira representa um movimento de resistência cultural e política, que reivindica a legitimação de outros modos de saber e de estar no mundo, historicamente reprimidos pelas práticas coloniais de organização e disseminação da informação.

A crítica ao epistemicídio também exige o reconhecimento de diferentes expressões culturais como formas legítimas de resistência e produção de conhecimento. Como destacam Marcelino e Moraes (2024), as práticas de resistência cultural materializam-se na recuperação, preservação e circulação de saberes subalternizados, especialmente em espaços públicos. Nessas iniciativas, observa-se a constituição de contra-arquivos e contra-memórias, que desafiam a supremacia das instituições formais e operam como trincheiras de luta contra o epistemicídio.

A resistência cultural, nesse sentido, não se limita a reações simbólicas, mas configura-se como um processo ativo de criação, reinvenção e fortalecimento de epistemologias que resistem ao apagamento colonial. Tal perspectiva está em consonância com a noção de “ecologia de saberes” proposta por Boaventura de Sousa Santos (2007), que reivindica a superação das hierarquias entre conhecimentos e a valorização de saberes locais, tradicionais e populares como imprescindíveis para a construção de uma sociedade plural e democrática.

O debate sobre epistemicídio e decolonialidade na Ciência da Informação também coloca em evidência a necessidade de revisar as práticas de ensino, pesquisa e extensão no campo, promovendo uma formação profissional mais crítica e sensível às questões sociais e culturais. Como ressaltam Amorim e Alves (2022), essa revisão implica deslocar a Ciência da Informação de uma postura tecnicista para uma atuação politicamente engajada, capaz de reconhecer seu papel na manutenção ou desconstrução de estruturas coloniais.

Nesse contexto, a articulação entre decolonialidade, epistemicídio e resistência cultural impõe à Ciência da Informação o desafio ético e político de contribuir para a justiça cognitiva, entendida como a promoção de condições equânimes para a existência e valorização de múltiplos sistemas de conhecimento. Assim, as práticas informacionais tornam-se não apenas instrumentos técnicos, mas espaços de disputa, resistência e transformação social, fundamentais para enfrentar as desigualdades estruturais que marcam as sociedades contemporâneas (Landim; Jorenti, 2022).

A crítica ao epistemicídio e a promoção de práticas de resistência cultural a partir de uma perspectiva decolonial ampliam o horizonte teórico e político da Ciência da Informação,

contribuindo para a construção de um campo mais inclusivo, plural e comprometido com a justiça social e cognitiva.

Dentre as práticas de resistência, destaca-se o *graffiti*. Essa arte, mais do que expressão estética, é uma prática sociopolítica que atua na preservação da memória de grupos historicamente marginalizados. Na perspectiva decolonial, ela rompe com o epistemicídio e valoriza saberes locais e subalternos, funcionando como um arquivo público não institucional que documenta narrativas e identidades periféricas.

De acordo com Amorim, Padilha e Lopes (2022) o *graffiti* é uma expressão urbana que surgiu em Nova Iorque dos anos 1960, inicialmente como pinturas feitas em trens e metrô. Essa prática se expandiu para muros, ruas, tapumes e demais superfícies, buscando a afirmação da identidade de grupos excluídos e a construção de uma identidade coletiva, como forma de resistência à opressão. De acordo com os autores é a arte dos excluídos, que grita do anonimato, onde as vozes estão silenciadas por um sistema em que predomina a cultura branca e burguesa.

Dessa forma, o *graffiti* atua como uma prática informacional insurgente, que subverte formas tradicionais de registro e promove a circulação de saberes decoloniais. Além disso, ele se consolida como espaço de denúncia da violência estrutural e celebração das culturas periféricas, fortalecendo a resistência política e identitária.

No campo da Ciência da Informação, o reconhecimento do *graffiti* amplia o conceito de memória, incorporando práticas documentais alternativas e comunitárias, fundamentais para combater o apagamento cultural. Assim, essa arte se estabelece como ferramenta de resistência, memória e construção de epistemologias plurais, essenciais para a justiça social e informacional. Em outras palavras, enquanto manifestação artística urbana, o *graffiti* torna-se um meio de registrar histórias, práticas e símbolos que constituem a identidade local, atuando, assim como vetor informacional e de valorização da memória, contribuindo para a construção de um patrimônio cultural vivo e dinâmico.

2.1 Processo de construção coletiva do painel de *graffiti*

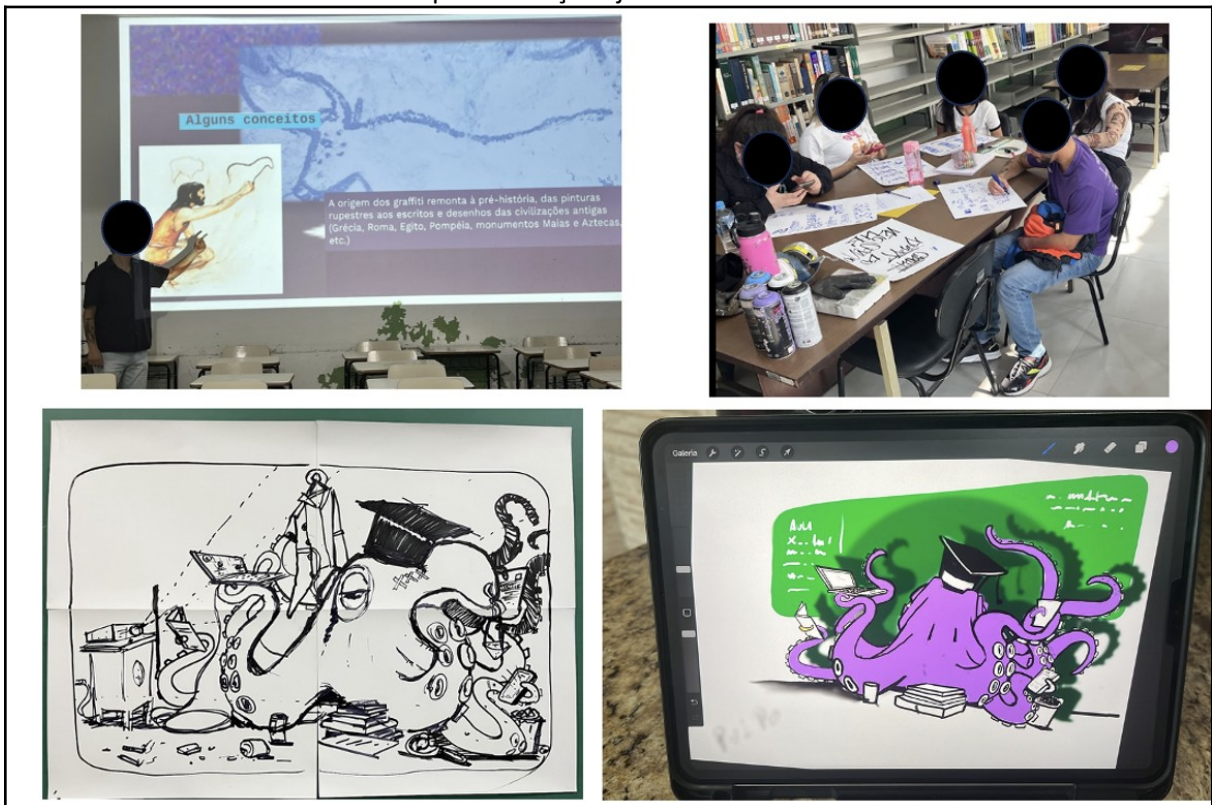
Neste tópico apresentamos o resultado do processo de elaboração do painel de *graffiti* junto aos alunos de graduação do curso de pedagogia da Unespar, no ano de 2024.

Primeiramente, foi apresentado em forma de aula expositiva o conteúdo sobre a origem do *graffiti*, seu aspecto histórico e epistemológico trazendo o conceito de *graffiti*,

pixação, alguns movimentos e estilos, a relação da arte com questões sociais e simbólicas e como esse tipo de manifestação artística afeta os espaços públicos e as pessoas direta e indiretamente. Como resultado desse debate percebeu-se que muitos alunos carregavam certos preconceitos em relação ao *graffiti* e aos grafiteiros, até então considerados como subversivos, vândalos entre outros. Porém, depois dos debates e reflexões fomos quebrando essa visão distorcida do que é esse tipo de manifestação artística.

O próximo passo foi a realização conjunta do que seria grafitado na parede. Assim, surgiu, após cada grupo expor suas ideias, o rascunho feito na lousa, em uma folha de papel em branco e refinado por meio de uma pintura digital, como apresentado na figura abaixo.

Figura 1 - Apresentação teórica sobre *graffiti*, tipos de materiais utilizados e experimentações junto aos alunos



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

O passo seguinte foi a efetivação do painel diretamente na parede, começando com o esboço da arte na parede e seguindo até a sua finalização, como pode ser visto nas imagens a seguir.

Figura 2 - Processo de elaboração da pintura na parede

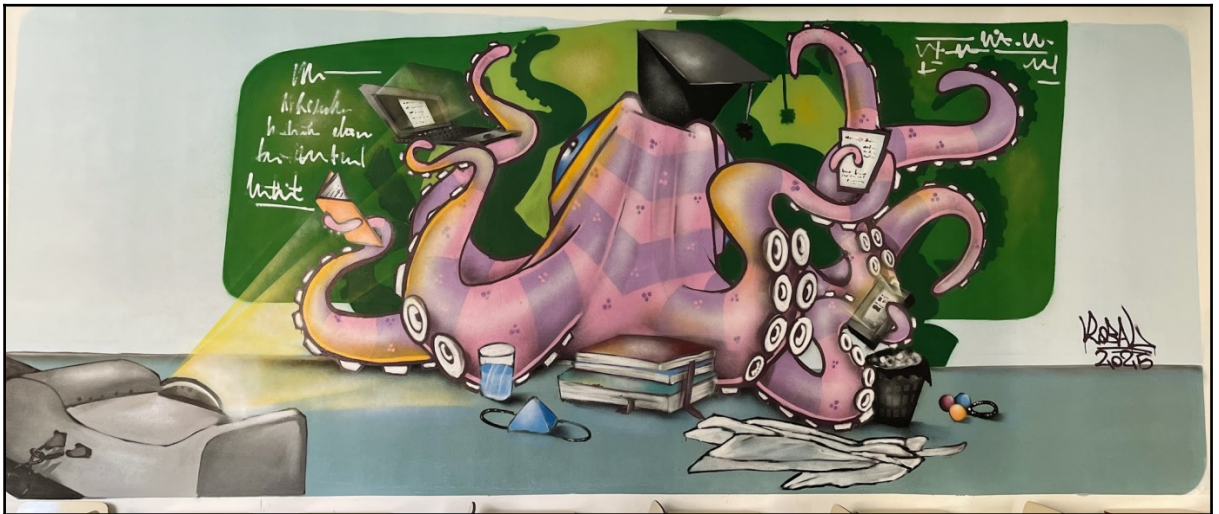


Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A obra expressa a identidade coletiva da turma no período da pandemia da Covid-19, marcado pelo distanciamento entre as pessoas, o uso de máscaras respiratórias e dispositivos eletrônicos como computadores, tablets, celulares e uma sala de aula vazia.

Como resultado, além de registrar e retratar um período singular da trajetória da turma, evidenciado na obra pela figura do professor em primeiro plano, representado por meio de um Polvo multifacetado e colorido, dando sua aula sozinho em frente a um retroprojetor com uma lousa ao fundo. A produção do painel evidenciou a potencialidade do *graffiti* como linguagem artística e pedagógica, capaz de promover a expressão criativa, o fortalecimento dos vínculos coletivos e a construção de memórias significativas no contexto acadêmico. A experiência demonstrou que a utilização dessa arte, potencializa práticas pedagógicas e favorece processos de aprendizagem críticos e reflexivos.

Figura 3 - Obra finalizada



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa-ação evidenciou que o *graffiti* pode atuar como um recurso pedagógico e cultural eficaz na promoção da decolonialidade, do acesso à informação e da preservação da memória social. A partir da escuta e do diálogo com a comunidade, resgataram-se saberes e narrativas frequentemente invisibilizados nos registros oficiais, fortalecendo vínculos identitários e territoriais. Sob a perspectiva da Ciência da Informação, essa experiência revela o *graffiti* como um instrumento de mediação e circulação de informações socialmente relevantes, capaz de organizar e comunicar conteúdos simbólicos e históricos de forma acessível e significativa. Trará contribuições para a área de Ciência da informação na medida em que levanta discussões e debates sobre o *graffiti* como patrimônio cultural material e imaterial contribuindo para a construção de identidades sociais. Ao articular arte, informação e participação comunitária, o projeto aponta para novas possibilidades de produção e difusão do conhecimento, contribuindo para a construção de uma cidadania crítica e culturalmente situada.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Isabela Sampaio; ALVES, Ulisses Soares. Biblioteconomia e Ciência da Informação: uma perspectiva decolonial. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, n. especial, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/40490>. Acesso em: 22 maio 2025.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

AMORIM, Igor Soares; PADILHA, Renata Cardozo; LOPES, Thainá Castro Costa Figueiredo. *Graffiti: um desafio ao discurso patrimonial*. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 7, p. 1-20, 2022. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglcfindmkaj/https://cip.brapci.inf.br/download/350883>. Acesso em: 23 maio 2025.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não - Ser como fundamento do Ser**. 2005. 337 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/40490/30911>. Acesso em: 22 maio 2025.

BAMBERG, Callu Ribeiro Ferreira Pedreira e Andrade; VITAL, Luciane Paula; COSTA, Amábile; GARCEZ, Dirnele Carneiro. Epistemologia decolonial e Ciência da Informação: uma análise dos anais do ENANCIB. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 29-46, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/190137>. Acesso em: 22 maio 2025.

LANDIM, Livia Alves; JORENTE, Maria José Vieira. Estudos decoloniais relacionados às TIC na Ciência da Informação: um panorama a partir da BRAPCI. **Revista EDICIC**, [S.l.], v. 2, n. 4, p. 1-12, 2022. Disponível em: <https://ojs.edicic.org/revistaedicic/article/view/155/175>. Acesso em: 22 maio 2025.

LIMA, Fábio Rogério Batista. Graffiti: patrimônio cultural material ou imaterial? **Art&Sensorium: Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais**, v. 10, n. 1, p. 97-110, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.33871/23580437.2023.10.01.97-110>. Acesso em: 26 maio 2025.

LIMA, Fábio Rogério Batista; ZAFALON, Zaira Regina; SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa. Elementos de metadados para a catalogação de graffiti. **Transinformação**, Campinas, v. 34, e210034, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2318-0889202234e210034>. Acesso em: 26 maio 2025.

MARCELINO, Karina Francine; MORAES, Mário César Barreto. Decolonizando o conhecimento: perspectivas das epistemologias do sul no campo das políticas de ações afirmativas. **REAd. Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, v. 30, n. 3, p. 1525-1553, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/read/a/qQZMShhLp486n4VJQ6Fx8BP/>. Acesso em: 22 maio 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos**, São Paulo, n. 79, p. 71-94, nov. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrge/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 maio 2025.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 31, n. 3, p. 443–466, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQqyq5bV4TCL9NSH/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2025.